

ECKHART E A POBREZA

Alan Marinho

Antes de analisar conceitualmente o sermão *Os pobres de espírito*, faz-se necessário um breve apanhado histórico para clarificar alguns pontos essenciais no que diz respeito ao pensamento de Mestre Eckhart. Para isso é prudente pôr em evidência quais as implicações e quais as origens de tais questionamentos envolvendo prolífera obra. Eckhart tornou-se um fecundo pensador medieval por fazer parte de uma longa corrente envolvendo a mística neoplatônica pagã advinda de conclusões de Avicena¹, Santo Agostinho e de Dionísio o Areopagita. Sua obra constitui-se de dois momentos bem pontuados, a obra latina e a obra alemã. A diferença de teor entre as duas reflete a importância seminal de Eckhart na longa tradição medieval. Seus textos de língua latina, como é o caso de *Questões Parisienses*, são influenciados pela tutela de Alberto Magno e calcados em comentários e críticas à obra *Suma Teológica* de Tomás de Aquino. Nesse tempo, Eckhart ganhara o título de Mestre pela universidade de Paris em 1302 e seus escritos já reverberavam pela comunidade de estudiosos em teologia vigente naquele período.

A obra latina de Mestre Eckhart possui desdobramentos ambiciosos no que diz respeito ao rigor e ao preciosismo conceitual exposto primeiramente nas *Questões Parisienses*. O projeto de sua *Obra*

1. Avicena é um filósofo e teólogo islâmico nascido em 980, que conhecia bem as obras de Platão e Aristóteles e foi uma peça decisiva nas origens do neoplatonismo medieval. Seus escritos influenciaram filósofos como Duns Escoto, Tomás de Aquino e, sobretudo, Eckhart, com ideias que na verdade foram germes para todo um direcionamento ocidental à negatividade tipicamente oriental.

Tripartida previa um plano geral de seus escritos, um grande e complexo tomo distribuído em três sessões, mas que jamais se obteve em completude na contemporaneidade ou sequer chegou a ser concluído. Segundo Amador Vega na introdução de *El fruto de lo nada*, a *Obra tripartida* pretendia proporcionar a fronteira para o pensamento cristão e filosófico onde o confronto entre a tradição e as formulações do próprio Eckhart ganhariam contornos mais acentuados e audaciosos a partir de uma reflexão ontoteológica da Revelação cristã. A questão basilar no desenvolvimento da *Obra Tripartida* foi buscar pela pergunta sobre o ser. Tal pesquisa já encontrava lugar de destaque desde o primeiro magistério parisiense, todavia, na *Obra Tripartida* as respostas encontradas já apontam para uma postura definida de uma experiência filosófica e mística, direcionamento explorado com maior intensidade na obra alemã, mas protegida intelectualmente pelas fontes mais seguras encontradas no pensamento da idade média. Sobre o projeto da *Obra Tripartida*, Amador Vega tem a dizer na introdução de seu livro:

Ainda quando o destino da Opus tripartitum parece ser proporcionar o marco teológico-filosófico adequado em que a linguagem vá experimentar as primeiras tensões entre as formulações da tradição e a presença cada vez mais importante, não podemos esquecer que mais além da ciência teológica, inclusive mais além do trabalho de pregação, Eckhart queria compreender a mensagem da Revelação em um discurso ontoteológico. [...] (VEGA, 2001, p. 19)².

Sobre a questão do ser especificamente se encontram unidas as *Questões Parisienses* e a *Obra Tripartida*, obviamente possuindo como pilar de sustentação o debate acerca das escrituras e o discurso teológico praticado nos círculos acadêmicos. Obviamente o corpo do texto apresenta noções pessoais de Mestre Eckhart, todavia, a hierarquia dos transcendentais aristotélica serve como escopo para a análise direta da *Suma Teológica* de São Tomás de Aquino, ou seja,

2. Tradução nossa para o original em espanhol.

Questões Parisienses trata de uma ontoteologia acerca da identidade de dois transcendentais em Deus e o que isso implica no conhecimento do próprio homem.

A primeira questão desenvolvida no texto se apresenta da seguinte maneira: *Se em Deus se identificam o ser e o entender*³. A partir deste ponto de partida Eckhart afirma antecipadamente que não só se identificam em realidade, como também conceitualmente e para prosseguir com tal afirmação, desenvolve seu argumento de acordo com o pensamento de Tomás de Aquino, onde segundo Eckhart, se encontram as provas necessárias para a afirmação da identidade entre ser e entender. A afirmação advinda de Tomás aponta Deus como primeiro e simples, e essa simplicidade em Deus advém justamente do fato Dele ser puro ato, ou seja, Deus é seu próprio entender como também seu próprio ser. O argumento de Eckhart vai além mostrando que ser e entender se encontram em Deus de tal forma que são idênticos a Ele mesmo, bem como idênticos à sua própria essência. O pensamento tomista afirma a simplicidade de Deus e Eckhart por sua vez evidencia a nobreza do primeiro e ainda a identidade ontológica entre ser e entender em Deus a partir de tal simplicidade primordial.

Eckhart afirma que *tudo objeto se constitui segundo sua própria atividade*⁴. Sendo assim, o ser seria a essência, a atividade do objeto. Tal proposição demonstra, por analogia, que sendo o entender a atividade do homem, deve-se concluir que o entendimento deriva do próprio ser do homem, constituindo assim a sua essência. Em Deus, entretanto, não pode ser assim, pois se houvesse separação ou derivação entre ser e entender Ele não seria simples e assim, não seria primeiro. Para Eckhart, se houvesse algo fora de Deus ou mesmo derivado Dele, haveria também um fim distinto do que Ele é; todavia, Deus não possui fim. Essas inovações provenientes do texto *Questões Parisienses* destacam o fortalecimento teórico no que concerne à escrita e forma apresentada por Eckhart para dar conta da questão do

3. ECKHART, 1962, p. 25.

4. Idem.

ser. A inovação maior consiste, contudo, na combinação entre a argumentação clássica aristotélica e os questionamentos envolvendo a hierarquia dos transcendentais no pensamento tomista, tendo como objetivo a construção de uma noção originária de Deus onde tudo o que há Nele está acima do ser e é integralmente entender.

Mas para que essas compreensões sejam solidificadas é necessário seguir o fio condutor da questão envolvendo a ideia de que o entender é para o homem como o ser é para a essência. De acordo com Eckhart, se a essência de Deus for colocada no lugar da essência do homem (o entender), então a identidade entre Deus e o ser com a essência faz com que todas as coisas sejam absolutamente idênticas a Ele mesmo. No homem o entender advém de seu ser, todavia, em Deus existe apenas um puro entender que, em identidade absoluta e perfeita com seu ser, promove todas as coisas, inclusive o homem, bem como seu entender enquanto essência e atividade de seu ser. Eckhart prossegue afirmando que se o ser é perfeito, por ele se tem todas as coisas, todo o viver, entender e obrar. Em Deus, não é necessário acrescentar nada para que haja uma ação qualquer, pois Ele é perfeito, isso reafirma a noção de ato primeiro de onde derivam todas as coisas, mas que em essência não é derivado de coisa alguma. Para demonstrar sua teoria, Eckhart escreve nas *Questões Parisienses*:

[...] Portanto, sendo assim que em Deus o ser é ótimo e perfeíssimo, ato primeiro, perfeição de todas as coisas, perfeccionador de todos os atos, em cuja ausência todas as coisas não são nada, segue-se que Deus por seu próprio ser executa toda obra, já intrinsecamente na divindade e já extrinsecamente nas criaturas, ainda que segundo o modo próprio delas mesmas. E assim em Deus o ser é o mesmo (entender), porque o mesmo é obra e entendimento (ECKHART, 1962, p. 27)⁵.

Eckhart diz nesse trecho que a execução de Deus é intrínseca, nele mesmo e extrínseca nas criaturas. Por executar suas obras desta forma, o ser de Deus (sua essência, seu entendimento) é idêntico a

5. Tradução nossa para a versão em espanhol traduzida por Angel J. Capelletti.

ele mesmo, pois ele é ao mesmo tempo obra e intelecto, sem mediações ou causalidades implícitas nesta relação. Sendo assim, Deus não entende por que é (como o homem), mas é porque entende, ou seja, Deus é entender e o entender é o fundamento de seu ser e ainda de todas as coisas que são. Segundo o evangelho de São João: *No princípio era o verbo e o verbo estava em Deus e Deus era o verbo*⁶. Eckhart analisa tal sentença como mais um termo para provar a identidade de ser e entender em Deus, apontando que o verbo se relaciona inteiramente com o entender, pois no mesmo evangelho de João, Jesus diz: *Eu sou a verdade*⁷. A verdade então pertence ao entender e tal relação recebe todo o seu ser da alma. O que Eckhart quer dizer é que a verdade pertence tanto ao entendimento quanto ao verbo, e ao referir-se ao verbo, lê mais uma frase de João que diz: *Todas as coisas foram feitas por Ele*⁸. E Eckhart interpreta:

Todas as coisas foram feitas por Ele (o verbo) de modo que só depois de terem sido feitas, lhes chega o ser. [...] Por conseguinte, ser significa em primeiro lugar o que pode ser criado e por isso alguns dizem que na criatura só o ser se refere a Deus como sua causa eficiente, pois a essência se refere a Ele como sua causa exemplar (ECKHART, 1962, p. 29).

6. São João, 1:1. No testamento de João é dito que Deus é o criador de todas as coisas, mas o próprio homem não compreendeu sua luz de imediato, todavia, se o homem cresse na obra divina, então ele seria filho de Deus e saberia que só é e vive por Deus e não pela carne ou sangue. O Verbo a que se refere, estaria presente desde a origem de Deus e ambos eram o mesmo, por isso, tudo foi feito pelo verbo, entendido filosoficamente como o *logos*, a língua ou razão de Deus.

7. São João, 14:6. A sentença diz respeito à frase de Jesus onde ele afirma ser indissociável ao Deus pai, ou seja, conhecendo Jesus se conhece também Deus, pois os dois obram segundo o princípio da trindade, que também inclui o espírito santo. A trindade foi tema de inúmeros tratados filosóficos na idade média da escolástica ao neoplatonismo, de Agostinho à Mestre Eckhart. O mistério da pertença entre pai, filho e espírito santo tornou-se motivo de uma séria investigação acerca da noção de pluralidade na unidade, dando origem a uma grande tradição metafísica direcionada às sentenças bíblicas envolvendo a reflexão trinitária.

8. São João, 1:3.

A partir desse diálogo hermenêutico com as escrituras e também de acordo com o *Livro das Causas*⁹ que diz que a primeira das coisas criadas é o ser, Eckhart conclui que ser significa *ser criado* e Deus é a causa eficiente do criado. Após tal reflexão Eckhart prossegue declarando que Deus é criador e não pode ser criado, é entendimento e entender e não ente e ser. A conclusão desse argumento reflete sobre o entender como um termo primeiro e superior ao ser, por possuir uma condição diferente. O ser criado que possui entendimento (o homem) está em um grau de hierarquia maior que aquele ser criado não detentor da atividade essencial do homem, ou seja, coisas imperfeitas ocupam o primeiro degrau na criação ao passo que o último degrau é ocupado pelo entender. Há então uma clara superioridade do entender, pois ele se faz presente em seres de refinamento maior, estando em um padrão mais elevado de perfeição. Partindo deste pressuposto Eckhart reafirma o entender como algo anterior ao ser, isto é, a partir do verbo toda a noção de entendimento se consuma, pois o verbo pertence ao entender.

De acordo com o pensamento de Mestre Eckhart no texto *Questões Parisienses*, a ciência do homem difere radicalmente da ciência de Deus, isto ocorre, pois o homem está em um grau de perfeição muito abaixo de Deus, onde o puro entender se converte em obra sem necessidade de nenhuma mediação causal. A ciência de Deus é a causa de todas as coisas e a ciência do homem é causada pelas coisas, desta forma a ciência humana se encontra dentro do ente responsável por sua causa, tal ente se encontra, por sua vez, dentro da ciência de Deus, ou seja, tudo que há em Deus está acima do ser e é integralmente entender. A partir de tal concepção, Eckhart afirma que

9. *Liber de Causis* é o nome original dessa obra filosófica já atribuída a Aristóteles, mas cujo verdadeiro autor não se conhece de fato. Tal livro ganhou força na idade média, primeiramente na cultura árabe e islâmica para depois ser trazido ao ocidente por Tomás de Aquino. Seu conteúdo remete à Proclo e seu *Elementos da teologia*, O Livro das Causas representa uma grande influência ao pensamento medieval, bem como acentuou o interesse em Aristóteles, pelo fato de o livro ter sido creditado a ele por muito tempo.

em Deus não há ente nem ser, pois não há nada de formal na causa que esteja no causado, todavia, Deus é a causa de todo ser. Sendo assim, nada do que se faz presente na criatura está em Deus, Ele é a causa não-formal de tudo e ainda resguarda consigo a pureza do ser, pois o ente em sua causa não é ente e por isso não está em Deus. No entender de Deus se encontra o princípio de todas as coisas, nada que há em Deus possui o caráter de ente, mas de entendimento e obra enquanto causa universal. Eckhart explica a ausência de ser em Deus da seguinte forma:

[...] Sendo, pois, Deus a causa universal do ente, nada do que há em Deus tem caráter de ente senão caráter de entendimento e ainda, de entender, a dito caráter não corresponde ter causa, enquanto o caráter do ente, ao contrário, corresponde ser causado. [...] (ECKHART, 1962, p. 33).

O pensamento de Eckhart sustenta que em Deus não compete o ser e que Ele não é ente, mas algo superior ao ente, ou seja, nega que no mesmo Deus se dê o ser propriamente e que nele estejam também todas as coisas. Tais negações proferidas sobre a presença do ser em Deus podem ser interpretadas como uma superabundância de afirmação, pois Deus contém em si, de antemão, todas as possibilidades resguardando consigo a pureza e a perfeição plena de tudo o que existe. Eckhart inaugura, com seu pensamento, uma novidade na tradição medieval. A partir de *Questões Parisienses* a sua teologia filosófica passa a apontar para um movimento místico de esvaziamento das coisas em Deus, e mostra a imponderabilidade e infabilidade de sua perfeição, não somando categorias ou atributos, mas subtraindo-os de modo que o pensamento reflita sobre a perfeição de Deus sem jamais compreender exatamente o que ela é. A partir desse debate, clarificam-se algumas noções que vão ser desenvolvidas ao longo da obra alemã de Mestre Eckhart, tais como a pobreza e o ser separado.

Existem diferenças fundamentais entre as obras latina e alemã no pensamento de Mestre Eckhart, com ênfase na maior inclinação mística proposta na obra alemã, se distanciando, mas não se separando, do debate mais acadêmico, partindo de Tomás de Aquino e

refletindo acerca de questões envolvendo a hierarquia de transcendentais e a revelação de Moisés, uma tendência que o aproximava da escolástica medieval. Quanto à importância das duas vertentes, afirma-se haver estudiosos que colocam a obra latina como núcleo da filosofia eckhartiana, por ser mais centrada em questões acadêmicas. Em contraponto existem aqueles que leem a obra latina como um disfarce para o Eckhart místico da obra alemã, segundo tais historiadores, o único. Nos textos da obra alemã estão contidas as grandes polêmicas que resultaram na acusação por heresia contida na *Bula de João XXII In Agro Dominico*¹⁰.

O teor presente nos textos em língua alemã apresenta fortemente a ideia de separação radical diante do mundo da criatura e, sobretudo, do próprio Deus identificado com o nada. Percebe-se em seus sermões uma clara indicação de uma postura a se seguir, um *modo sem modo*, responsável por distanciar o homem de Deus a tal ponto que ele e Deus seriam o mesmo, pois estariam segundo uma disposição originária. Sermões como *O fruto do nada*, *Marta e Maria*, *Os pobres de espírito* e o tratado *Do ser separado* são fontes de um conhecimento onde a renúncia à imagem possibilita ao homem uma abstração até o nada onde Deus se manifestaria de forma originária e sem mediações. Vicente Fatone, em seu artigo intitulado *Mestre Eckhart* afirma que o Eckhart da obra alemã pregava a desnudez completa da alma humana no nada. A definitiva virtude de abstração mística exposta nos sermões leva a uma quietude no fundo da alma, mas também a uma relação extrínseca às coisas mesmo em sua determinada lida diária com elas. A nobreza da postura ensinada

10. Este foi o texto assinado pelo referido papa em 27 de março de 1329 e responsável por acusar Mestre Eckhart de heresia. Sua condenação foi póstuma, apenas após sua morte a perseguição por seus escritos ganhou forças. A Bula não se preocupou em condenar questões filosóficas, mas apenas declarações dogmáticas, pois Eckhart apontava para uma noção negativa de Deus em que Ele vem até o homem preencher sua alma vazia. Segundo a bula, Eckhart se dizia saber mais que o necessário, possuía soberba ao escrever em língua vulgar e afirmava coisas absurdas como a igualdade entre o homem e Deus.

por Eckhart na obra alemã, segundo Fatone, é justamente poder se encontrar em um plano tão essencial e livre de entusiasmos, que seu empenho junto às coisas não impede de estar separado delas, ausente, imerso em puro nada.

Um claro exemplo dessa relação com as coisas exposta por Eckhart quanto ensina sobre a virtude maior está presente no sermão intitulado *Marta e Maria*¹¹. Ali Eckhart exhibe, a partir de uma passagem de Lucas, duas posturas distintas de relação com o mundo, uma voltada para a contemplação religiosa e outra, adotada por Marta, a irmã mais velha, determinada nos afazeres de forma imperturbável. Para Eckhart, Maria busca a palavra do Senhor enquanto Marta se mantém junto às coisas fazendo o que é necessário. A superioridade de Marta está em não necessitar da proximidade de Jesus, pois sua experiência detém a satisfação intelectual completa. A ideia de Eckhart é mostrar que quanto mais o intelecto se aproximar do nada, mas se mantém aberto para preencher-se de Deus. No sermão, Marta é apresentada como a imperturbabilidade e Maria como o apego. Jesus nomeia Marta duas vezes, uma devido às suas obras temporais e outra devido ao fato de já possuir o fundo de sua alma vazio, ou seja, estar no mundo sem nenhum por que. Eckhart explica a dupla nomeação de Marta da seguinte forma:

[...] A primeira vez que disse Marta mostrou sua perfeição nas obras temporais. A segunda vez que nomeou a Marta mostrou que não lhe faltava nada do que é necessário para a salvação eterna. Por isso disse: Te preocupas, e queria dizer: tu estás junto às coisas e as coisas não estão em ti; estão preocupados quem atuam

11. O sermão se refere à passagem da bíblia contida em Lucas 10:38-42 que diz: *Ora, quando iam de caminho, entrou Jesus numa aldeia; e certa mulher, por nome Marta, o recebeu em sua casa. Tinha esta uma irmã chamada Maria, a qual, sentando-se aos pés do Senhor, ouvia a sua palavra. Marta, porém, andava preocupada com muito serviço; e aproximando-se, disse: Senhor, não se te dá que minha irmã me tenha deixado a servir sozinha? Dize-lhe, pois, que me ajude. Respondeu-lhe o Senhor: Marta, Marta, estás ansiosa e perturbada com muitas coisas; entretanto poucas são necessárias, ou mesmo uma só; e Maria escolheu a boa parte, a qual não lhe será tirada.*

sem obstáculos em seus afazeres. Livres de travas estão quem ordenam todas as suas atividades segundo o modelo da luz eterna; e estes estão junto às coisas, mas não nas coisas. [...] (ECKHART, 2001, p. 105-106)¹².

Os ensinamentos de Eckhart presentes na obra alemã indicam o afastamento da criatura, a alma vazia de significado, a determinação imponderável na lida com um mundo que já foi superado pela virtude mais alta. Tais indicações diferem plenamente da obra latina, envolvida com uma discussão tomista de articulação mais conceitual e argumentativa. O Eckhart místico está muito mais preocupado em esvaziar qualquer conceito de Deus, como no caso do sermão *O fruto do nada*, onde analisa uma sentença contida nos *Atos dos apóstolos*¹³. Ali, existe claramente uma fuga da representação ao associar o nada com a visão e presença de Deus em todas as coisas, pois no fundo da alma todo o criado não é nada senão Deus. No sermão *O fruto do nada* é apresentado uma noção da relação entre o homem e Deus onde não existe mediação alguma, pois o alijamento de toda a criatura permite o conhecimento da vida eterna e, conseqüentemente, viver em um *modo sem modo*. Segundo as palavras do próprio Eckhart em *O fruto do nada*:

[...] Se queremos conhecer a Deus, tem que ser sem mediação; não pode penetrar nada estranho. Para conhecer a Deus nessa (divina) luz, deve ser incessante e encerrada em si mesma, sem impressão de coisa alguma criada. Então conhecemos a vida eterna sem mediação. [...] Quando a alma não se dirige às coisas exteriores, então chegou à sua casa e habita em sua luz simples e pura. [...] Deve-se tomar à Deus tanto como um modo sem modo, tanto como um ser sem ser, pois não tem nenhum modo. [...]. (ECKHART, 2001, p. 92-93).

A tendência da obra alemã então se resume em afastar as imagens, as criaturas e as coisas para estabelecer uma relação privilegiada

12. Tradução nossa para a versão em espanhol traduzida por Amador Veja Esquerria.

13. Atos dos Apóstolos 9:8: *Saulo levantou-se da terra e, abrindo os olhos, não via coisa alguma; e, guiando-o pela mão, conduziram-no a Damasco.*

com Deus a partir de um retorno ao que era quando ainda não era. A mística de Eckhart sai da argumentação racional e direciona seus escritos a uma reflexão apofática que descategoriza Deus em todos os níveis, em uma relação onde o homem está em Deus sem qualquer mediação exterior.

O sermão *Os pobres de espírito* diz respeito à bem-aventurança daqueles que com maior seguridade atingirão o reino dos céus. Eckhart usa a frase de Mateus¹⁴ e afirma que a pobreza revelada pela bem-aventurança não corresponde à falta de bens materiais, prática realizada por São Francisco de Assis e pelo próprio Jesus, postura louvável, mas insuficiente para obter a mais atroz e radical de todas as pobreza, um exercício de esvaziamento intelectual tão profundo que, segundo Eckhart, poucos poderiam certamente atingir. Então, *Os pobres de espírito* é um sermão dirigido para poucos e que promove uma experiência muito mais próxima ao nada que as epifanias e jubileus propagados pela ortodoxa religiosidade cristã vigente na época. Ao radicalizar a ideia de pobreza interior, Eckhart se dirige a uma região perigosa, pois chega ao ponto de afirmar que só aqueles verdadeiramente distantes ou mesmo ausentes de Deus, estarão em Deus e viverão conforme foram antes mesmo de ganharem ser. Tal concepção é difícil de compreender e esse é um dos motivos da forte perseguição e condenação póstuma de Eckhart por parte da igreja católica. Sua noção de pobreza e o encaminhamento do sermão apontavam para um distanciamento absoluto de qualquer tipo de inclinação pertencente ao mundo das coisas, inclusive da própria religião e de Deus. Tal posicionamento é explicitado nas seguintes passagens do sermão:

[...] um homem pobre é aquele que nada quer, nada sabe e nada tem. [...] A terceira pobreza, contudo, de que agora quero falar, é a mais extrema, é aquela em que o homem não tem nada. [...] a pobreza de espírito é quando o homem permanece tão livre de Deus

14. Mateus 5:3: *Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus; [...]*

e de todas as suas obras que, se Deus quer atuar em sua alma, seja ele mesmo o lugar aonde queira atuar e isso o faça com agrado. Pois quando Deus encontra um homem tão pobre, então atua e o homem sofre a Deus em si mesmo; [...] Nessa pobreza reencontra o homem o ser eterno que ele já havia sido, que agora é e será para sempre (ECKHART, 2001, p. 75-79).

De acordo com o texto, a pobreza é dividida em três posicionamentos diante da realidade e de Deus, sendo que o último vale por todos, mas somente possuindo os dois primeiros, chega-se ao último estágio e à verdadeira pobreza de espírito. A tripartição da pobreza eckhartiana indica o nada querer, nada saber e nada ter em ordem para a obtenção da bem-aventurança. Kurt Flasch em sua interpretação do sermão comenta que tal ordem não é aleatória e afirma o nada ter como mais louvável, pois seria o último degrau onde o homem não teria nem mesmo uma relação com Deus. Para Flasch, a decisão de Eckhart em abandonar o que poderia ser um elogio à pobreza material destaca a ousadia em buscar um conceito mais distinto e elevado de pobreza. Porém, a elevação trazida com a pobreza de espírito é na verdade uma descida ao fundo da alma, onde de acordo com o próprio Eckhart *os anjos supremos, as moscas e as almas são iguais*¹⁵. Também é igual o próprio Deus, pois o intelecto do homem pobre está sempre separado das coisas e das inclinações promovidas por elas. Flasch afirma que essa carência radical de metas é na verdade um distanciamento absoluto, pois a postura da pobreza implica em liberdade para com toda diferenciação entre o mundo, Deus e aquilo que o próprio homem foi, é e será, pois o pobre se encontra naquilo que chamou de *primeira base*. Flasch comenta sobre isso em seu texto de interpretação ao sermão:

[...] Portanto, na medida em que você está ali, você mesmo é essa primeira base, da qual provém Deus, o mundo e você como ser individual. Nessa primeira base, você é você, ali não necessita nada, por tanto não requer nada. Requerer, pedir, pretender, as-

15. ECKHART, 2001, p. 77.

pirar, tudo isso pressupõe, que o bom está fora de você. Porém, você está no bom. Você é o bom, Normalmente você imagina a Deus, ao mundo e a você mesmo como sendo distintos. Porém, na primeira base você é Deus, mundo e ser humano (FLASCH, 2011, p. 4)¹⁶.

Quando Eckhart fala de nada querer ele não quer dizer um apego à penitência, nem implica em um comportamento de sacrifício com a própria vontade para se dedicar a uma vida de santo. Nada querer é negar qualquer coisa do mundo e também qualquer dogma religioso para viver conforme era quando ainda não era. Quando fala de nada saber não quer dizer que o homem deva abdicar a ele mesmo, a verdade e a Deus, mas sim, ignorar que vive de tal forma, nem sequer chegando a ponderar acerca da pobreza que preenche e esvazia sua alma ao mesmo tempo. Por fim, quando Eckhart fala de nada ter não quer dizer ausência de bens materiais, mas sim ausência de Deus e da obra de Deus na alma, ou seja, se não há mais diferença, o homem pobre se iguala a Deus e torna-se um não-nascido, pois seu intelecto é, como menciona Flasch, uma *força de negação*, um *ativo manter-se fora*¹⁷. Por isso, o homem pobre não-nascido é imortal, pois reconhece a efemeridade das coisas corpóreas e finitas afastando-se delas, desligando-se do solo e desprendendo-se de qualquer diferença. Eckhart fala sobre a separação do mundo e de Deus no espírito pobre da seguinte maneira em seu sermão:

[...] O que sou segundo meu nascimento deve morrer e aniquilar-se, pois é mortal; por isso deve desaparecer com o tempo. Em meu nascimento (eterno) nasceram todas as coisas, eu fui causa de mim mesmo e de todas as coisas, e se (eu) tivera querido não havia sido nem eu nem todas as coisas; porém, se eu não houvera sido, tampouco haveria sido Deus: que Deus seja Deus disso sou eu uma causa; se eu não fora, Deus não seria Deus [...] (ECKHART, 2001, p. 80).

16. Tradução nossa para a versão em castelhano de Ruth C. Dzudzek do original em alemão *Auslegung der Predigt "Über die Armut na Geist*.

17. FLASCH, 2011, p. 6.

Não é fácil alcançar as determinações assumidas por Eckhart no sermão *Os pobres de espírito*, e estabelecer a postura diante do mundo ensinada pelo mestre não é algo que exija somente esforço, mas se trata de uma disposição aberta a poucos homens de inclinação muito rara. A dificuldade de encarar o homem como algo absolutamente transcendente aparece ao pensar sobre o modo de ser da pobreza, algo impraticável para o povo ocidental contemporâneo. Será possível que o homem consiga tornar-se tão idêntico e profundo ao ponto de abarcar os três níveis e lá permanecer, como uma montanha, até o fim? A pobreza de Eckhart impõe tantas restrições ao intelecto que é quase inviável vislumbrá-la de maneira intuitiva. Talvez essa não tenha sido mesmo a intenção, talvez o grande mérito do sermão esteja em apresentar uma relação mais honesta com o mundo, desprendida do enorme peso que as coisas trazem ao nosso entender. É plausível também que Eckhart, quando fala de um algo na alma que pode nos levar até a sublime pobreza, esteja dizendo que a natureza do homem não é nada de religioso ou místico, mas apenas algo além/aquém de todo saber, querer ou até mesmo ter. Esse algo referido por Eckhart está, segundo Flasch, tanto na alma dos ateus quanto na dos cristãos, ou seja, o sermão não fala sobre uma inclinação dogmática, mística ou meditativa, fala mais sobre a possibilidade de se desfrutar uma relação engendrada na negatividade, onde a ideia de eu coincide com a origem de Deus.

Na pobreza de espírito, a origem do homem é a mesma origem de Deus, a relação com o mundo já não pode mais ser estabelecida pela diferença, mas pela unidade infinita onde nada mais se encontra fora, mas concentrado no fundo da alma. A dificuldade de entender as palavras de Eckhart é paradoxal a sua beleza reflexiva e simplicidade conceitual, o alcance deste sermão parece chegar aos ouvidos contemporâneos de forma ainda mais potente e relevante. A posição tomada por Eckhart no sermão fora muito arriscada na época, mas hoje o homem já não se encontra vendado e censurado pela antes onipresente igreja católica, portanto a recepção de uma ideia como a pobreza se dá de uma maneira mais acordada com o pensamento e

menos com o dogmatismo ortodoxo. Assim, pensar a pobreza é pensar sobre o que somos e o que podemos ser de acordo com um desejo verdadeiro de não desejar, como quando éramos no útero ou mesmo antes disso. É possível viver na radical pobreza interior? Ainda que não seja, Eckhart apresenta noções em seu Sermão que promovem um posicionamento autêntico e muito original, responsável por influenciar fortemente obras como a de Martin Heidegger como uma inegável fonte em concepções importantes como a angústia e a serenidade, importantes contribuições no pensamento do século XX.

Referências

AERSTEN, J. A. **La filosofía cristana. ¿Primacía de ser versus primacía del bien?** Anuario Filosófico, 2000.

BAUCHWITZ, Oscar F. (Org.). **O neoplatonismo**. Natal: Ed. Argos, 2001.

DE LIBERA, Alain. **La mystique rhénane, D Albert le Grand à Maître Eckhart**. Paris, 1994.

FATONE, Vicente. *Meister Eckhart*. In: **Temas de mística y religión**. Bahia Branca, 1963.

FLASCH, Kurt. **Interpretación del sermón: Sobre La Pobreza de Espíritu**. tradução de Ruth C. Dzudzek, 2011.

MEISTER ECKHART. **Cuestiones parisienses**. Tradução de Angel J. Capelletti, Universidad Nacional de Tucuman, Facultad de Filosofía y Letras, Tucuman, 1962.

VEGA, Amador. **El fruto de la nada e otros escritos**. Madrid, 1998.

